

TRABALHO COLABORATIVO: POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ANDRÉIA TEXEIRA LEÃO¹; SÍGLIA PIMENTEL HÖHER CAMARGO²

¹ Universidade Federal de Pelotas-UFPEL- andreiat.leao@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas-UFPEL-sigliahofer@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento e caracteriza-se por uma díade de comprometimentos nas áreas da comunicação/interação e comportamento. Os indivíduos com TEA podem apresentar déficits na sua comunicação verbal e não verbal, ter dificuldades em manter-se numa interação social, apresentando comportamentos de padrões repetitivos e foco de interesse restrito (APA, 2014).

Essas características estão presentes desde cedo na vida da criança com TEA, prejudicando o seu desenvolvimento em diferentes níveis de gravidade (APA, 2014). Na idade escolar, essas crianças tendem a isolar-se, com pouca ou nenhuma participação nas atividades propostas junto ao grupo, resistência a mudanças de rotina, dificuldades de entender a linguagem simbólica durante a comunicação/interação (CUNHA, 2018).

O ambiente escolar, que já é um espaço propício à convivência social, pode contribuir para o desenvolvimento de crianças com TEA, ao oportunizar meios que possibilitem e estimulem a participação dessas crianças nas atividades propostas considerando suas especificidades e necessidades. O AEE busca complementar ou suplementar a formação dos alunos com deficiência, promovendo condições de acessibilidade, participação e aprendizagem no ensino regular (BRASIL, 2011).

É importante que o professor do AEE realize um trabalho de forma articulada com o professor da sala regular, pensando no uso de estratégias e recursos que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Destaca-se a importância de um trabalho diversificado, flexível e colaborativo que atenda as singularidades dos alunos (MAGALHÃES; CUNHA; SILVA, 2013).

O trabalho colaborativo é uma forma de organização que pode ser implementada entre os professores e entre os alunos (DAMIANI, 2008). Isso implica num engajamento de pessoas que trabalham em conjunto, compartilham ideias e dividem responsabilidades de forma não hierárquica, em busca de objetivos em comum (ORTIZ, 2019; DAMIANI, 2008).

Este termo diferencia-se de trabalho cooperativo, que implica numa ajuda conjunta entre os membros de um grupo, podendo haver relações hierárquicas nas funções de cada um (ORTIZ, 2019; DAMIANI, 2008). A cooperação implica numa formação de grupos em que se ajudam mutuamente sem a necessidade de decisões e responsabilidades compartilhadas.

Nota-se que o trabalho colaborativo implica na formação de grupos que trabalham em cooperação e que amplia suas ações para o desenvolvimento de competências individuais na realização das tarefas. Esta pode ser uma possibilidade de trabalho a ser utilizada na escola em um contexto de inclusão,

desafiando os estudantes a pensarem coletivamente, tomarem decisões e escolhas para alcançarem objetivos.

Os alunos com TEA, envolvidos numa trabalho colaborativo, podem ser desafiados a interagirem com seus pares, criando suas próprias formas de comunicação/interação. É possível que sejam participativos na tarefa ao terem a oportunidade de fazer escolhas, mostrar opiniões e perceber o apoio dos colegas nas suas ações.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é apresentar estudos que contemplem a importância do trabalho colaborativo para inclusão de alunos com TEA.

2. METODOLOGIA

Foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre o trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com TEA a fim de apresentar a importância desse tipo de organização para a inclusão desses alunos. Dentre os estudos encontrados, foram analisados aqueles que direcionavam o desenvolvimento do trabalho colaborativo entre alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho colaborativo tem sido evidenciado na Educação Especial como uma possibilidade de articular um trabalho em parceria entre professor do AEE e professor da sala comum. Entretanto há divergências quanto a esse conceito, há autores que mencionam o trabalho colaborativo como sinônimo de ensino colaborativo, outros estabelecem diferenças.

Em se tratando do trabalho colaborativo entre alunos, envolvendo a participação de indivíduos com autismo, Calpa (2012) apresenta, em sua dissertação de mestrado, um jogo envolvendo um aplicativo colaborativo denominado PAR (peço, ajudo e recebo) para apoiar a interação social de indivíduos com autismo. O jogo envolvia a participação de dois jogadores ao mesmo tempo, sendo seis jovens (10 a 17 anos) que frequentavam um instituto especializado.

O jogo foi dividido em fases seguindo padrões de colaboração: Escolhendo Juntos (para selecionar objetos, os alunos precisam interagir); Restrições em objetos (alguns objetos estão restritos e exige a interação dos alunos); Papéis diferentes (papéis diferentes a cada aluno na interação, tendo que compartilhar seus recursos pessoais para atingir um objetivo), Propriedade (determinados objetos era de propriedade de cada participante que necessitavam estabelecer negociações para atingir um objetivo). Havia efeitos sonoros no aplicativo para mostrar erros e acertos, dicas verbais e não verbais e mensagens faladas como apoio para a interação.

Conforme Calpa (2012) os alunos demonstram-se interessados na tarefa e motivados para buscar contato com os seus parceiros no jogo. Destaca também que a complexidade na tarefa seja exigida gradativamente, quanto mais os alunos envolviam-se na proposta, maior era o nível de colaboração no grupo.

Braz *et al.* (2013) apresentam um jogo para estimular a comunicação de crianças com autismo por meio de estratégias colaborativas. O jogo denominado CONFIN era disponibilizado para cada participante em seus tablets, conectados a uma única TV, que funcionou como um lugar comum para todos.

A proposta consistia numa comunicação entre os usuários através de troca de figura. No nível 1 a relação estabelecida era com o tutor virtual do jogo e no



nível 2 a proposta incluía também a interação entre os usuários, via interface. Verificou-se a importância do tutor oferecer instruções com linguagem simples e objetiva, como também, o movimento do olhar para a criança no decorrer do jogo. De forma gradativa, as crianças já estavam conseguindo perceber diferenças na atuação do tutor como colaborador e mediador na tarefa.

A proposta gerou situações de comunicação entre as crianças como o uso de gestos, frases curtas e olhares. Para a inclusão de alunos com autismo numa escola regular, Cruz *et al.* (2011) realizou um projeto denominado “Tax Bem” que é a construção de um ambiente virtual a partir de uma metodologia híbrida. A turma de alunos do terceiro ano foram desafiadas a participar desse ambiente, a lidar com conflitos, tomar decisões, resolvendo situações problemas que são características do dia a dia na sociedade.

Os colegas da turma estimulavam a participação da criança com autismo, dando apoio e incentivando-a a expressar suas ideias. Verificou-se evoluções no desenvolvimento das competências sociais de interação e comunicação das crianças fortalecendo sentimentos de respeito e solidariedade.

4. CONCLUSÕES

São poucos os estudos que abordam o uso do trabalho colaborativo para alunos com autismo. Nota-se que o foco de dois trabalhos foram realizados em instituições especializadas com grupos específicos de indivíduos com TEA.

Apenas um trabalho foi direcionado aos alunos da sala de aula comum, utilizando a tecnologia como meio para a interação/comunicação dos alunos nas tarefas propostas.

É importante implementar práticas educativas que possam promover a participação de todos os alunos em sala de aula, visto que o trabalho colaborativo oferece contribuições para o desenvolvimento de habilidades sociais, necessárias a todos os alunos. Em sala de aula é possível vivenciar situações práticas de diálogo, interação e aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL, Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. **Dispõe sobre a educação especial e o Atendimento Educacional Especializado e dá outras providências**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm

BRAZ, P; RIBEIRO, P; SILVA, G; RAPOSO, A. COMFIM- Um jogo colaborativo para estimular a comunicação de crianças com autismo. **SBSC**. Manaus, 2013 Disponível em: <https://www.academia.edu/21151378>

CRUZ, C; ARAUJO, I; PEREIRA, L; MARTINS, L. “Projeto Tax Bem”: Um ambiente virtual colaborativo para alunos com perturbação do espectro autista. **Revista Indagatio Didactica**. Portugal, v 3 nº2, 2011 Disponível em <https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/4552>

CUNHA, E. **Autismo na escola**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.



DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Revista Educar**. Curitiba, n. 31, p. 213-230. Editora UFPR, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13.pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

ORTIZ, K. **Possibilidades e limites do trabalho colaborativo: processo de aprendizagem das equações de primeiro grau pelos alunos com deficiência intelectual**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Mestrado profissional em Educação. Universidade Federal do Pampa.

CALPA, G. **PAR (Peço, Ajudo e Recebo): Um jogo colaborativo em mesa multi-toque para apoiar a interação social de usuários com autismo**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em informática. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MAGALHÃES, J; CUNHA, J; SILVA, J. Plano Educacional Individualizado (PEI) como instrumento na aprendizagem mediada: pensando sobre práticas pedagógicas In: GLAT, R; PLETSCHE, M. (Org.) **Estratégias educacionais diferenciadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. Capítulo 2, p. 33 – 47.